

10  
-

Homenagens



sem título

Ti-Mi  
2011

# Homenagens

Este espaço é dedicado a homenagear autoras e autores em suas presenças, tradições e legados. Preservar memórias e mantê-las vivas é uma forma de assegurar um campo de comunicabilidade ativa entre tempos e sujeitos, mantendo visibilidade perene para autorias e obras que marcaram a produção literária: rememora-se para resistir ao apagamento sistêmico que atravessa nossa sociedade e para agradecer os ensinamentos partilhados.

No primeiro número, a Revista Firminas homenageia:

- Ruth Guimarães, presente!
- Toni Morrison, presente!
- Elis Regina Feitosa do Vale, presente!
- Nascimento Morais Filho, presente!
- Tula Pilar, presente!

TONI MORRISON

# De mãos dadas com a ancestral: firmando os pontos para despachar o "carrego colonial"

## RESUMO

O presente ensaio objetiva provocar reflexões sobre a importância do legado deixado pela escritora negra estadunidense Toni Morrison, no que diz respeito ao exercício de cartografia das construções identitárias de mulheres negras espalhadas e (re)unidas pela diáspora através da ficcionalização das memórias e histórias negras. A crença é a de que por meio do acesso e leitura ao acervo produzido por essa mais velha, pontos sejam firmados nas diferentes encruzilhadas e assim, consigamos “despachar o carrego colonial” (SIMAS; RUFINO, 2019) fruto do sequestro, via escravização, que há tanto nos atrapalha na caminhada rumo à emancipação. À essa escrita e forma específica de ler os romances produzidos pela referida autora, foi dado o nome de Literatura *Abèbè*: uma abordagem teórico-crítica negro-perspectivada.

## PALAVRAS-CHAVE:

Toni Morrison. Identidade negra. Literatura *Abèbè*. Carrego colonial. Ancestralidade.

## Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro

É doutoranda em Literatura e Cultura pelo Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia; Mestre em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEduc/UNEB; Especialista em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira pela Fundação Visconde de Cairu e especialista em Linguística Textual com ênfase em Análise do Discurso pelo CEPOM; possui graduação em Serviço Social pela Universidade Católica do Salvador e Pedagogia pela Faculdade D. Pedro II; trabalha com formação de professores com temáticas sobre as Relações Étnico-raciais e Educação antirracista. É, ainda, professora formadora da Plataforma Freire (PARFOR/UNEB e Universidade Aberta do Brasil (UAB)); Contista, tendo contos publicados nos Cadernos Negros nº 36 e 38 e outras antologias; Pesquisa e orienta trabalhos de conclusão de curso (graduação e pós-graduação) sobre Escrita literária de mulheres negras na e pela diáspora e em especial sobre Carolina Maria de Jesus e Toni Morrison; Participa, também, dos grupos literários: Quilombo Letras e Lendo Mulheres Negras; É Erva Doce na família Associação Arte Baiana Capoeira e é mãe de Cauê, sua maior e mais importante obra; Bolsista CAPES.

[hildaliafernandes@hotmail.com](mailto:hildaliafernandes@hotmail.com)

---

<sup>1</sup> Expressão cunhada e desenvolvida por Simas e Rufino. Para os autores: “O carrego se manifesta como uma condição de desencante perpetrada e mantida pelos efeitos dominantes em relação à diversidade de formas de ser/saber e inscrever sua experiência.” (SIMAS; RUFINO, 2019, p. 21).

“No mar Atlântico temos o saber numa memória salgada de escravidão, energias ancestrais protestam lágrimas sob o oceano.” (AKOTIRENE, 2018, p. 15).

**ESTE ENSAIO É UM TRIBUTO À NOSSA ẸGBỌN<sup>2</sup>**, irmã mais velha, que dedicou a vida a cartografar as múltiplas construções identitárias das nossas *sistas*<sup>3</sup> espalhadas e (re)unidas pela memória das águas, ficcionalizadas ou não. Toni Morrison, única mulher negra a ganhar o Nobel de Literatura, em 1993, ofertou, generosamente, possibilidades e caminhos que poderão servir como inspiração na condução dos nossos trajetos e jornadas existenciais.

Saliento, ainda, que esta escrita é, também, um exercício de desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008) procurando efetivar a proposta do autor de “aprender a desaprender” (p. 290). A tentativa é a de acessar o acervo deixado pela autora a partir de uma perspectiva negra.

Para ler esse precioso legado, é preciso plenitude e muito silêncio, uma vez que essa senhora

costumava usar um tom muito agudo e baixo, coisas daquelas pessoas que viveram o suficiente para “transformar o silêncio em linguagem e ação” (LORDE, 1977). Um tom sussurrado e discreto no compartilhar das aprendizagens, que parecem destinadas predominantemente a nós, mulheres negras da diáspora, quase sempre em dispersão e exílio. Expressões que apontam para o segredo são presença marcante e constante em seus escritos: “Cá entre nós” (MORRISON, 1993, p.9); “Esta não é uma história para passar adiante” (MORRISON, 2007, p.363) e “Não tenha medo. Eu contar não vai te ferir [...]” (MORRISON, 2009, p. 7), dentre outras tantas existentes nos demais romances de sua autoria e que parecem endereçadas, preferencialmente, a nós mulheres negras, suas leitoras.

A esse legado literário e a uma forma específica de acessá-lo dei o nome de Literatura *Abẹbẹ*<sup>4</sup>, uma abordagem teórico-crítica negro-perspectivada que tem como fundamento três òpó, pilares/vigas. São eles: crítica literária negra, crítica feminista negra e a psicologia e psicanálise na perspectiva negra. Entre

---

<sup>2</sup> Foi feita a opção pelo uso da bacia semântica *yorùbá* politicamente para pagar tributo a todos os meus ancestrais. Dessa forma, as palavras em *yorùbá* serão grafadas e apresentadas, neste ensaio, o mais próximo possível de como elas são grafadas em seu país de origem, a Nigéria. Todas as vezes que o “S” aparecer com um acento subsegmental é para sinalizar a letra “Ṣ” que no idioma *yorùbá* equivale ao som representado pela letra “x” ou pelo dígrafo “ch” na Língua Portuguesa. Vale comentar que nem a letra “x” nem os dígrafos existem no alfabeto da língua *yorùbá*. As vogais que apresentarem o acento subsegmental estarão sinalizando para a pronúncia destas de forma aberta, visto que a sinalização nessa língua não ocorre de forma semelhante ao Português do Brasil com os acentos agudo e grave. A língua *yorùbá* é tonal.

<sup>3</sup> Pronúncia a partir do que se convencionou chamar de *black english* para a palavra *sister*, feita pela personagem Shug Avery no filme *A Cor Púrpura*. Para melhor compreensão do uso do termo, ver trecho do filme. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fvqJrlUGiyQ>>. Acesso em: 04 dez. 2019.

<sup>4</sup> Ferramenta litúrgica. Uma espécie de leque e espelho e que faz parte da indumentária de quatro *Òrisà*. São eles: *Òṣàlà*, *Ọṣun*, *Iemoja* e *Lógún Ẹḍẹ*. O uso nesse contexto remete à necessidade desse instrumento nos processos de construção identitária tanto das personagens quanto das leitoras que acessam as narrativas produzidas pelas autoras negras. Entende-se que o mirar-se em referências positivas e no mais das vezes ancestrais, auxilia sobremaneira em nossos processos de nos tornarmos o que somos e o que viemos para sermos.

as obras e propostas de alguns autores que sustentam cada um desses pilares, reuni contribuições diversas para propor outras possibilidades de leitura dessas narrativas, mais pertinentes e condizentes com os conteúdos existentes em tais tramas e com os princípios e valores que alinhavam tais enredos, procurando respeitar as especificidades e peculiaridades existentes em tais histórias, ainda que se sustentem, na maioria das vezes, em memórias ficcionalizadas das vivências e experiências do povo negro.

A crença é a de que conceber o *abèbè*, como ferramenta para nossos processos de construção identitária, enfatizando a estética negra, ajuda, sobremaneira, no destrancar dos nossos caminhos. Conceber uma literatura como *abèbè* é pensar nela com potencial afirmativo e de libertação. Acredito que acompanhar e seguir os rastros deixados pelas personagens criadas pela autora, no que diz respeito aos processos de construção identitária delas, pode auxiliar, sobremaneira, na condução das nossas jornadas existenciais.

Muitas foram as contribuições significativas alcançadas lendo as obras<sup>5</sup> de Morrison. Dentre elas posso citar: I) a possibilidade de imersão na subjetividade, quase sempre fraturada, das mulheres negras diaspóricas; II) a oferta de caminhos para (re)construção identitária, elegendo a estética como ferramenta fundante e indispensável nos processos de (auto) recuperação (HOOKS, 2019); III) criação de um espaço

para que as próprias sujeitas<sup>6</sup> se apropriem, elaborem e narrem suas memórias e histórias (demandas experienciadas e os respectivos desfechos) - *herstory*; IV) a aposta e efetivação em uma perspectiva “desde dentro” (GARCIA, 2012) – a construção e solidificação de um lugar de fala autorizado e com autoridade para criar, protagonizar e partilhar as vivências, ficcionais ou não; V) o exercício de registrar/documentar as atrocidades históricas vivenciadas pelo povo negro, sobretudo processos de escravização e do *pós-abolição*, temas recorrentemente adotados pela autora, promovendo, dessa forma, denúncias e (des) silenciamentos realizados, agora, pelas descendentes das que sofreram tais ações; VI) o conhecer, a partir da difusão, do amor lésbico e *womanist*; VII) a adoção e circulação do *Black English* como forma de rubrica para que não esqueçamos quem escreve e conta as tramas; VIII) criação e difusão de uma pós-memória, fruto de profundas e demoradas pesquisas históricas para melhor ambientar e contextualizar, de forma respeitosa, os enredos criados resultado de vivências dos nossos antepassados. Enfim, (re)encenação do passado, sobretudo escravocrata, quando são apresentadas as vozes e os fluxos e memória de mulheres negras escravizadas e/ou emancipadas, restituindo o direito de falar sobre si e sobre os seus; ix) conhecer as múltiplas e distintas formas de exercitar e experimentar a maternidade negra; x) eleição de temas tabus, tais como: incesto e pedofilia, dentre outros.

---

<sup>5</sup> *O Olho Mais Azul* (1970); *Sula* (1973); *A Canção de Solomon* (1977); *Pérola Negra* (1981); *Amada* (1987); *Jazz* (1992); *Paraíso* (1998); *Amor* (2003); *Compaixão* (2008); *Voltar para casa* (2012) e *Deus Ajude a criança* (2015).

<sup>6</sup> Assim grafado para ressaltar que trata-se de história de mulheres produzida por mulheres, e para problematizar o masculino genérico adotado pela Língua Portuguesa.

Se muitos são os exemplos de personagens que ilustram a perseguição do ideal de ego branco (COSTA, 1984), como é o caso de mãe e filha na obra *O Olho mais azul*: Pauline e Pecola Breedlove e de outras tantas que se afundaram nas “feridas narcísicas” (SOUZA, 1983) de demorada e custosa cicatrização, como Jadine Childs, protagonista do romance *Pérola Negra* e Bride em *Deus Ajude a Criança* (pelo menos no início das tramas) acometidas, ainda, de “identidades fantasmáticas” (NOGUEIRA, 1998), muitas são, também, as que já conseguiram avançar para além da dor e fizeram da (auto)definição (COLLINS, 2019) um caminho próspero para a (auto)realização, a exemplo de Claudia MacTeer<sup>7</sup>, uma menina de nove anos que ajuda a contar a difícil e pesada história de Pecola. Mesmo mais nova que a citada personagem, Claudia não se deixava levar pela fascinação da brancura como muitos dos seus pares e desejava destruir as bonecas brancas e, também, as meninas parecidas com as bonecas. Declara ela sobre o assunto:

[...] Eu tinha uma única vontade: desmembrá-la. Ver do que era feita, descobrir o que havia de estimável, de desejável, de beleza que me havia escapado, e aparentemente só a mim. [...] (MORRISON, 2003, p. 24).

Mas se são muitas as que se renderam e prostraram diante da ideologia da branquidade e da brancura, algumas outras chegaram mesmo a alcançar a sabedoria necessária, principalmente a partir da ancianidade e

senioridade, condições que levam ao amadurecimento e desse lugar propuseram e conduziram processos de cicatrização e cura coletiva, como é o caso de Baby Suggs conduzindo um ritual numa clareira, no trecho reproduzido abaixo, lembrando a cada um dos envolvidos que somos humanos e dignos de amor e respeito:

Chorem [...] Pelos vivos e pelos mortos. Apenas chorem. [...] Aqui, [...] neste lugar, somos carne; carne que chora, que ri. Amem essa carne. Amem muito. Lá fora eles não amam essa carne. Eles a desprezam. Nem amam nossos olhos; só querem arrancá-los. Muito menos amam a pele em nossas costas. Lá fora eles a açoitam. E, meu povo, eles não amam nossas mãos. Essas, eles apenas usam, amarram, prendem, cortam fora e deixam vazias. Amem suas mãos! Levantem suas mãos e beijem-nas! Toquem-se uns aos outros com elas, acariciem seu rosto com elas, porque eles também não gostam dele. Vocês têm de amar seu rosto, vocês! E mais: eles não gostam de nossa boca. Lá fora, irmão quebrá-la e quebrá-la de novo. Jamais vão dar atenção às palavras e aos gritos que saem dela. O que colocamos dentro dela para nutrir nosso corpo será arrancado e substituído por restos. Não, eles não gostam de nossa boca. Estou falando de carne. Carne que precisa ser amada. Pés que precisam descansar e dançar; costas que precisam de apoio; ombros que precisam de braços; braços fortes. Meu povo, lá fora eles não amam nosso pescoço ereto. Vocês é que devem amá-lo. Ponham a mão nele, agradem-no, acariciem-no. Esse nosso fígado escuro, amem-no. E também a pulsação do coração que bate. Mais do que

---

<sup>7</sup> Poucas vezes durante todo o desenrolar da trama teremos acesso direto à fala da personagem. Próximo ao final do enredo, é que acontecerá com uma frequência um pouco maior. Quem toma para si a difícil tarefa de narrar a pesada história é uma criança ainda mais nova, Claudia, ainda que passado algum tempo dos eventos compartilhados. Ser uma vivência de dor, um trauma explica tal razão. Difícilmente, a vitimada consegue contar o ocorrido e brutalmente experienciado. Faz-se necessário comentar ainda que MacTeer é o sobrenome da bisavó da autora. A narradora, Claudia, parece se comportar, em grande parte da trama, como alter ego de Morrison, mesmo porque a história compartilhada apresenta-se como ficcionalização de um evento vivido pela autora na infância. Uma forma de tentar simbolizar algo que acabou se configurando como da ordem do traumático (ver explicação da autora no Prefácio da edição de 1993).



os olhos ou pés. Mais do que os pulmões que ainda têm muito a esperar para respirar o ar da liberdade. Mais do que o ventre que abriga a vida, mais do que as partes íntimas que fazem a vida, devemos amar nosso coração. Porque este é o prêmio. (MORRISON, 2007, p. 126-127).

Detentora de uma grande experiência na restituição de (auto)cuidado, (auto)amor e (auto)estima, essa senhora sinaliza possibilidades de (re)vermo-nos, (re)elaborarmos e (re)fazermos, efetivando o processo de tornarmos o que viemos para sermos. Esse poderoso e eficaz ritual de cura coletiva procura atuar, especificamente, nos danos causados pelo racismo e escravização.

Vilipendiado física e psiquicamente, o povo negro tem elaborado poderosos e múltiplos mecanismos e processos de cicatrização e cura para tais mazelas. A escrita de mulheres negras diaspóricas tem se revelado como um recurso importante e eficaz para despachar o “carrego colonial” (SIMAS; RUFINO, 2019) que há tanto tempo nos importuna e pesa em nossas caminhadas rumo a (auto)realização. Enfim, muitos são os efeitos *abèbè* proporcionados em nós, leitoras de Morrison, e que se têm configurado como fundamentais em nossos processos de nos tornar o que viemos para sermos.

Se outrora, nas diversas travessias realizadas pelo nosso povo, inúmeros atravessamentos acabaram por ocorrer, vezes sem conta, culminando no que Beatriz Nascimento denominou de “perda da imagem” (1989; 2006) e se o espelho de Narciso não nos serve, nem contempla, uma vez que “é um espelho que não reflete o nosso rosto” (EVARISTO, 2019) que tenhamos sucesso na contemplação a partir dos múltiplos reflexos

e refrações ofertados pelos diversos *abèbè* dessa mais velha, Toni Morrison, que tanto tempo dedicou a elaborar mulheres, que mesmo de papel, revelam-se tão próximas no vivenciar das agruras e nas respectivas superações e que muito se aproximam de nós suas irmãs da e pela diáspora negra.

Conhecer as vivências e experiências, ficionalizadas ou não, de nossas irmãs apresenta-se como imprescindível para os nossos processos de (re)elaborações identitárias. (Re)fazer o caminho, a partir da “narratividade literária performática” (RAVETTI, 2002) para (re)contar as infindas travessias e geografias realizadas e percorridas por nosso povo. (Re)lembrar, (re)imaginar e (re)criar, agora a partir das entranhas, das vísceras, lá onde se concentra o *àṣe*, a nossa energia vital, apresenta-se como tarefa fundamental para honrar e dignificar as nossas memórias e histórias. Lembrar para: não esquecer; perlaborar; fechar e cicatrizar; para que não se repita e registrar *para que o vento não leve*.

Que as sementes plantadas por essa ancestral, nos conduza por caminhos efetivos de despacho do *carrego colonial* que tanto pesa e torna lento o nosso avançar por veredas e caminhos outros que precisamos e merecemos percorrer rumo ao se gostar e a ver a si mesmo como valioso (OLIVEIRA, 2007), através das capoeiras de empoderamento e emancipação.

Gratidão é o sentimento que finca e vinga, por todo o legado produzido e compartilhado por essa Amada que tanto nos auxilia em nossos desejos de fortalecer e efetivar a “Comunidade de Experiência Narrativizada” (GIRAUDO, 1997) ou de “Afetos Comuns” (AUGUSTO, 2016), ou ainda, as “afeto-grafias” mencionadas por Miranda (2017). ■

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade*. Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Feminismos Plurais).

AUGUSTO, Geri. Transnacionalismo negro: a encruzilhada de amefrican@s. In: *Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 25, n. 45, p. 25-38, jan./abr. 2016. p. 25-38. Disponível em: <file:///C:/Users/Day/Downloads/2281-6192-1-SM.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2019.

COLLINS, Patricia Hill. O poder da autodefinição. In: *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.p. 179-215.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. In: *Violência e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. Disponível em: [http://www.sedesweb.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/dacoraocorpo\\_jurandirfreire.pdf](http://www.sedesweb.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/dacoraocorpo_jurandirfreire.pdf). Acesso em: 03 dez. 2019.

CHUCHO GARCÍA, Jesús. Afroepistemología y afroepistemológica. In: WALKER, Sheila S. (Org.). *Conocimiento desde Adentro: los afrosudamericanos hablan de sus pueblos y sus historias*. Popayán, Colombia: Editorial Universidad del Cauca, 2012. p77-92

GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. *Poética da memória: uma leitura de Toni Morrison*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1997.

HOOKS, bell. Sobre Autorrecuperação. In: *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. São Paulo: Elefante, 2019. p. 73-83.

\_\_\_\_\_, bell. Vivendo de Amor. In: WERNECK, J. *O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000.

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. Comunicação de Audre Lorde no painel *Lésbicas e literatura* da Associação de Línguas Modernas em 1977 e publicado em vários livros da autora. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/> Acesso em: 02 dez. 2019.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, no 34, p. 287-324. p. 2008 287. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/traducao.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

MIRANDA, Fernanda (2016). Uma antologia além do cânone. In: *Suplemento Pernambuco*. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/72-resenha/1815-uma-antologia-al%C3%A9m-do-c%C3%A2none.html>. Acesso em: 07 dez. 2019.

MORRISON, Toni. *O olho mais azul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_, Toni. *Sula*. New York: Alfred A. Knopf, 1993.

\_\_\_\_\_, Toni. *Canção de Solomon*. São Paulo: Best Seller, 1977.

\_\_\_\_\_, Toni. *Pérola Negra*. São Paulo: Best Seller, 1981.

\_\_\_\_\_, Toni. *Amada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_, Toni. *Paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_, Toni. *Compaixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_, Toni. *Jazz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_, Toni. *Voltar para Casa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_, Toni. *Deus Ajude a Criança*. Lisboa: Editorial Presença, 2016.

NOGUEIRA, Izildinha Baptista. *Significações do corpo negro*. São Paulo: USP, 1998 (Tese de doutorado em psicologia escolar e do desenvolvimento humano). Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/significacoes-do-corpo-negro-isildinha-baptista-nogueira-tese.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2019.

OLIVEIRA, Eduardo. *Filosofia da ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. O carrego colonial. In: *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. p. 17-24.

RATTS, Alex (Org.); NASCIMENTO, Beatriz. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza/Imprensa Oficial, 2006. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf> Acesso em: 15 de dez. de 2019.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

WALKER, Alice. Beleza: *Quando o meu par sou eu*. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/198899033/Quando-Meu-Par-Sou-Eu-Alice-Walker>>. Acesso em 13 dez. 2019.



*Carvão e aquarela*